O grande negociador

André Gustavo Stumpf
Jornalista (andregustavo10@terra.com.br)

Henry Kissinger, alemão que migrou junto com a família para os Estados Unidos em 1938, fugiu do nazismo, recebeu a cidadania norte-americana, serviu ao Exército e junto com o esforço dos Aliados retornou a Alemanha, na qualidade de soldado das forças de libertação. Trabalhou para os serviços de informação. Foi o início de sua vida profissional de conselheiro, capaz de modificar a política internacional de maneira jamais vista para ser obra de um homem só. Voltou da guerra e foi para Harvard, onde se formou *summa cum laude* (*com a maior das honras*) no mestrado, doutorado e, finalmente, aceito como professor daquela famosa instituição. Richard Nixon o buscou na universidade para assumir o cargo de assessor de assuntos internacionais do presidente dos Estados Unidos.

Transformou-se na figura mais importante da política internacional no fim do século 20. Ele foi personagem fundamental para o fim da guerra do Vietnã, em que os Estados Unidos foram derrotados, mas conseguiu o prodígio de mudar o foco naquele momento para os bombardeios promovidos pela força aérea norte-americana nos países vizinhos. Apesar disso, recebeu o prêmio Nobel da Paz. Ele era adepto da realpolitik, ou seja, do minucioso estudo da realidade e aceitar os dados fornecidos pelo exame dos fatos. Ele sempre foi crítico da política externa norte-americana temperada por visões religiosas e concepções clássicas de governo.

Na América Latina, seu nome provoca ressentimentos. Foi um dos que incentivaram Washington a apoiar ditaduras no Cone Sul. Argentina, Chile, Uruguai e Brasil passaram por governos militares, dentro da ótica norte-americana, que não queria conviver com governos de esquerda "no seu quintal". Essa concepção resultou em milhares de mortes de opositores, péssima fama do governo Nixon na América Latina e uma narrativa difícil de ser reparada até hoje. O Chile, em especial, sofreu muito com as deportações e mortes, inclusive a de Allende. Na Argentina, os militares chegaram a jogar do avião oposicionistas vivos no Rio da Prata.

No caso específico do Brasil, ele conviveu com o inesperado. O extraordinário diplomata, o ministro Azeredo da Silveira, recebeu Kissinger em clima amistoso e irônico. ("My dear Henry"). Os norte-americanos nunca viram com simpatia a presença de brasileiros em Angola. Eles apoiavam a guerrilha da Unita, chefiada por Jonas Savimbi, que estava em luta aberta contra o Movimento de Plena Liberdade de Angola (MPLA), comandado por Agostinho Neto. Kissinger não foi bem-sucedido nesse esforço. Quando as forças armadas da África do Sul invadiram Angola para acabar com o governo comunista, o Brasil, do presidente Geisel, enviou navios com gêneros alimentícios, para ajudar os habitantes de Luanda, cidade que estava sitiada. O governo de Cuba, em uma semana, enviou dez mil soldados e equipamentos militares para defender a cidade. As forças sul-africanas foram expulsas de Angola. O Brasil dos militares se aliou aos comunistas cubanos.

São detalhes na imensa história de Kissinger. Ele percebeu que poderia utilizar a China para abrir uma brecha no bloco soviético. China e União Soviética possuem a mais longa fronteira do mundo. Sempre mantiveram relações distantes e, às vezes, conflitantes. Eram comunistas, cada um à sua maneira. O governo chinês era um pária no mundo das relações internacionais. Kissinger propôs o reconhecimento formal do governo e abriu o caminho para forte investimento do capital internacional no país. Os líderes chineses, naquela fase, diziam que "ser milionário é glorioso". A China não era nada do ponto de vista econômico naquele momento. Hoje, é a segunda maior economia do mundo.

Há muito a ser dito sobre Henry Kissinger. Há o lado notável do escritor que pode ser colocado ao nível de Winston Churchill, o primeiro-ministro inglês que não cedeu diante das ameaças de Hitler. Ele lembra o inglês que disse: "Não se recorre ao estadista para resolver questões simples. Estas, com frequência, se resolvem sozinhas. É quando o equilíbrio estremece e as proporções estão envoltas na bruma que se apresenta a oportunidade para decisões que podem salvar o mundo" (Henry Kissinger, *Liderança, seis estudos sobre estratégia*, Objetiva). O livro de Kissinger sobre a China (*About China*, Objetiva) é fundamental para quem desejar estudar a história daquele grande país.

Kissinger, independentemente da posição de quem o analisa, é um grande personagem do século 20. Fez gestões pela paz na guerra de 1973 entre judeus e palestinos, iniciou o processo de limitação das armas nucleares de Estados Unidos e União Soviética, influiu nos destinos de vários locais do mundo. Trata-se de um gênio da política externa, que, naturalmente, gerou desafetos aqui e ali. Em 100 anos de vida, que se encerraram na semana passada, deixou sua marca na política e na história do Ocidente.

Presença da cinemateca em Brasília

» VLADIMIR CARVALHO
Cineasta e professor emérito da Universidade de Brasília (UnB)

A Cinemateca Brasileira é um desses exemplos históricos de iniciativas que parecem vacinadas contra qualquer obstáculo que se interponha em seu caminho e que, ao contrário, parece torná-las imunes e mais fortalecidas. É o que se depreende em face dessa importante mostra de filmes e exposição, A Cinemateca é brasileira, que percorre o país sob os auspícios do Ministério da Cultura e que agora alcançou Brasília.

Trata-se de uma significativa e alentada seleção do cinema brasileiro com o melhor do que foi preservado em decorrência, inclusive, da intensa e providencial atividade da Cinemateca, que tem como norte a preservação, restauração e conservação da produção cinematográfica no Brasil. Por isso mesmo alcançou o nome e o prestígio de ser a mais destacada em seu gênero na América Latina.

A Cinemateca Brasileira foi fundada no bafejo da volta ao regime democrático, depois da Era Vargas, em 1946. Não por acaso, o principal articulador desse feito foi Paulo Emílio Salles Gomes que, naquela altura, voltara da Europa picado pelo vírus do cinema, depois da façanha intelectual de ter exumado o grande Jean Vigo (o de *Zero de Conduite* e *L'Atalante*) do esquecimento dos franceses. Ele deixara o Brasil ainda na década de 1930, depois de uma eletrizante fuga do Presídio de Paraíso, em São Paulo, onde cumpria pena por conta de suas avançadas posições políticas.

De volta ao país e sob a influência de André Bazin e Henri Langlois, no convívio da recém-criada Cinemateca Francesa, simplesmente aliciou seus velhos e queridos amigos Antonio Candido, Francisco de Almeida Sales e Décio de Almeida Prado, prestigiados intelectuais e cinéfilos de carteirinha e, juntos, partejaram o nascimento da nova entidade. Criada sob os aplausos entusiásticos da comunidade do cinema e da intelectualidade mais esclarecida, ela trazia um destino intermitente de lutas e avanços e, por longo período, enfrentou as maiores dificuldades, superando todas na nobilíssima tarefa de acolher a proteger a memória visual brasileira, num país já de si desmemoriado, como sabemos. Sobreviveu, entretanto, à míngua de recursos para prover suas instalações técnicas e o seu restrito quadro de dedicados servidores e pesquisadores. Tem, porém, superado todas as vicissitudes contando ora com a solidariedade da iniciativa privada, ora com a acolhida dos poderes públicos.

Por sorte, é de se salientar que, embora não conte mais com a presença e condução do seu eminente fundador, que há muito nos deixou, o seu legado tem sido honrado a ponto de nos comover pelo empenho que lhe devota um grupo coeso de pessoas de alta qualificação profissional, mas que prima sobretudo pela dedicação à sua causa e não mede esforços para levar adiante a sua bandeira.

A propósito, nunca será demais lembrar que Paulo Emílio é a mesma personalidade de incrível carisma que, com a sábia cumplicidade de Darcy Ribeiro e de Pompeu de Souza, iluminou os caminhos do nascedouro da nossa UnB, em 1962, inaugurando ali o primeiro curso regular e profissional de cinema do Brasil, berço incontestável do surgimento também do atual Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Por tudo isso, reputamos que a acolhida, o entusiasmo e o sucesso da mostra e da exposição retrospectiva do cinema brasileiro, no Cine Brasília, sinalizam ou simbolizam, de certo modo, a nossa gratidão ao grande e pioneiro mestre.

Por mais tolerância nas relações

» FLÁVIO RESENDE
Jornalista, empresário e mentor de projetos e iniciativas de impacto social

Recentemente, a juíza Kismara Brustolin — que atua como substituta na Vara de Trabalho de Xanxerê (SC) — tornou-se conhecida nacionalmente após a divulgação de um vídeo no qual ela aparece gritando com uma testemunha e advogados durante uma audiência por videoconferência. Na gravação, aos berros, ela exige ser chamada de "excelência". Ao questionar se era obrigado a tratar a juíza daquele modo, o rapaz foi intitulado "bocudo" por Kismara, tentou prosseguir com o depoimento, mas, por não atender à exigência da magistrada, teve sua janela de videoconferência fechada e foi excluído da sessão.

Após o ocorrido, Brustolin desconsiderou o depoimento da testemunha, alegando "falta de urbanidade e educação". A servidora pública, que pediu licença médica por 15 dias, está sendo investigada pelo Tribunal Regional do Trabalho de Santa Catarina, após o episódio ocorrido em 14 de novembro. O vídeo viralizou nas redes sociais em 28 de novembro. O episódio trouxe à tona a discussão acerca dos limites dos espaços de poder, em relação ao cidadão comum. E mais: por que algumas categorias profissionais são endeusadas pela sociedade e isso é tolerado de forma pacífica?

Outro fato polêmico tomou conta do noticiário, no fim de novembro, envolvendo um casal lésbico que acusou um segurança do shopping Multicenter, na cidade de Niterói, Rio de Janeiro, de lesbofobia. O vídeo, que movimentou as redes sociais, mostra o momento da discussão entre as duas mulheres e o segurança. Ao que tudo indica, as vítimas estariam na praça de alimentação do shopping, onde teriam se beijado.

Diante da cena, o segurança teria as abordado e repreendido o gesto. Assim como no caso da juíza, com gritos escandalosos, uma das moças se defende, agredindo o segurança e chamando a atenção do público para o que elas entenderam como "ato preconceituoso, já que, se fosse um casal heterossexual, o mesmo não teria ocorrido".

Sem entrar no mérito, o que justifica elevar o tom de voz e posicionar o dedo em riste, quando nos sentimos desrespeitados? Que valores temos recebido de casa? Que exemplos temos dado aos nossos filhos? Como reagimos diante daquilo que não alcança nosso ego? Nos dois casos, a forma de expressão é o ponto.

É possível concluir que o desrespeito é, por assim dizer, um ato de intolerância que desvaloriza o espaço do outro e o impede de se expressar. Esse fenômeno é caracterizado pela filósofa Marilena Chauí como um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém, e pode se tornar um caminho sem volta, seja no âmbito pessoal ou profissional.

O fato é que estamos sempre cercados de pessoas — indivíduos dotados de particularidades, que precisam ser respeitados, para que haja uma boa convivência em casa, no trabalho ou em qualquer lugar em que circulemos. Contudo, a convivência harmônica entre pessoas é, e sempre foi, um grande desafio. Mas parece que nos dias atuais, isso se tornou ainda mais acentuado, com a internet e as redes sociais. Infelizmente, cenas de desrespeito têm sido cada vez mais comuns nos mais diversos tipos de ambientes. Por essa e muitas outras razões é que acreditamos ser importante falar sobre as consequências das atitudes desrespeitosas, para que, consigamos atingir e conscientizar um número cada vez maior de pessoas.

Uma das primeiras consequências do desrespeito é a promoção de um ambiente ruim para todos. Independentemente de se tratar de um ambiente pessoal ou profissional nos locais onde as pessoas não fazem questão de respeitar umas às outras, com toda certeza encontramos total falta de harmonia e extrema dificuldade de convivência.

Atitudes desrespeitosas são uma verdadeira armadilha, na qual todos nós estamos sujeitos a cair, principalmente quando temos convicção sobre algum tema específico ou sobre alguém. Por essa razão, para evitar ao máximo cair nos truques do ego e do orgulho, é que precisamos nos manter em constante vigilância, no que diz respeito às nossas palavras e ações.

O que queremos dizer com isso é que, muitas vezes, ao acreditarmos piamente em algo, caímos na tentação de querer convencer o outro a aderir ao nosso ponto de vista, desconsiderando totalmente que ali existe um ser humano que tem as próprias convicções e formas de enxergar o mundo ao seu redor.

Por fim, nunca fez tanto sentido olharmos para estas questões como algo urgente a ser revisto. No entanto, num mundo que nos cobra resultado e imediatismo, a pressão acaba por nos desconectar de nós mesmos. E sem consciência, fica mais difícil perceber os limites e o espaço do outro.

Em tempos de planejamento para o ano novo que vem por aí, o convite que pisca em letras garrafais e em neon na nossa testa é de ampliarmos a nossa tolerância e respirarmos algumas vezes, contendo os nossos impulsos, quando precisarmos fazer valer a nossa voz. Que em 2024, mais pessoas conheçam os princípios básicos da comunicação não violenta para que entremos nos trilhos com destino a uma sociedade mais pacífica e amorosa.